

TNSJ TEATRO
NACIONAL
SÃO JOÃO
PORTO





Sob a doçura, quanto veneno

Jorge Silva Melo

Amanda: É preciso ser tão antipático?

Elyot: É sim senhora, muito preciso mesmo.

Em toda a minha vida, nunca tive tanta vontade de ser antipático.

Noël Coward, *Vidas Íntimas*

“A frivolidade só é frívola para aqueles que não são frívolos”, diz a Madame De na obra-prima de Max Ophüls. E podia aplicar-se a este teatro de *dinner jackets*, champanhe, rosas, camélia e muita malícia. Mas vistas agora, estas *Private Lives* são uma das mais cruéis análises das relações matrimoniais. Sob a doçura de uma primavera na Côte d’Azur, quanto veneno, quanta maldade, quanto amor perdido! Uma obra-prima que queremos visitar, um grande autor “menorizado” e fundamental. Depois de Pinter, Williams, Miller, quem? E com um sorriso de compreensão pelas fraquezas humanas.



Do mais quixotesco dos fracassos humanos

Philip Hoare*

De todas as peças de Noël Coward, *Vidas Íntimas* continua a ser o exemplo mais puro e elegante da sua arte. É aparentemente simples. “Minimal como uma curva de *art déco*”, escreveu John Lahr, do *The New Yorker*. *Vidas Íntimas* é uma peça sem enredo para pessoas sem propósito.

A peça tem a capacidade de resumir o espírito inquieto da era de Coward. *Vidas Íntimas* encontra a sua força na ressaca de uma nova década, à medida que os anos 20 avançavam para um futuro incerto. Esta peça de câmara parece existir num vácuo, numa espécie de limbo estilizado, sem consequência ou contexto. No entanto, sugere algo mais sombrio na vida interior das suas personagens e na do seu criador, ambos escondendo e revelando ao mesmo tempo.

Como muitas das peças de Coward – e como a sua própria vida –, *Vidas Íntimas* esconde mais do que mostra. Diz muito no seu título dissimulado, e diz ainda mais no seu subtítulo intrigante, *Uma Comédia Íntima*.

Esta pérola, escrita em três dias, foi o maior sucesso do dramaturgo, fazendo com que este ganhasse três mil e duzentas libras por semana. Fez dele o autor mais bem pago no mundo ocidental e no West End, e marcou o auge da sua carreira. Celebrava uma nova sociedade de meritocracia, uma nova era de celebridade e sucesso. No entanto, foi escrita num momento de depressão económica, criando ecos com a difícil situação atual. A peça foi estreada em 1930, um ano após o *crash* de Wall Street (e, coincidentemente, com a proposta de uma União Federal Europeia). A situação que se vivia desmente o brilho aparente da peça de Coward. O mundo de luxo que ele descreve é uma realidade alternativa, um entretenimento fantástico e um antídoto para as realidades financeiras do público que o viu. E embora o diálogo entre as personagens pareça superficial, há uma subtil desconexão entre o que elas dizem e o que realmente querem dizer.

Amanda e Elyot são um par moderno – como Coward e Gertrude Lawrence o eram: o casal mais poderoso do seu tempo. Têm à mão todos os brinquedos de uma nova era de consumo. O telefone e o telegrama são as ferramentas dos seus ofícios e as redes sociais da sua época. Se o tempo deles fosse o nosso, o casal

tweetava as suas aventuras e anunciava no *status* do Facebook os seus encontros e desencontros amorosos: “É complicado.” Os ismos e modas da vida contemporânea constituem o seu argumento, o canal do seu discurso frenético. São jovens e despreocupados. Vivem num mundo liberal acabado de nascer. A indulgência, a fantasia e a decadência misturam-se para criar a autoimagem moderna e psicologicamente analisada de um casal elegante e moderno.

Vestem o que há de melhor: alfaiataria *Savile Row*, alta-costura, acessórios da *Bond Street*. São bronzeados, perfumados e estão à frente da moda. Estamos na era do automóvel (uma libertação sexual que os jovens casais que assistiam à peça reconheceriam) e das viagens internacionais para aqueles que as podiam pagar – eles podiam. A sua aparência e comportamento refletem os avanços do tempo. As mulheres, de saia e cabelos curtos e roupas reveladoras, demonstravam a emancipação feminina. Amanda, como outras mulheres da sua classe, pertenceu à primeira geração encorajada – através do inovador *Married Love*, o primeiro livro de autoajuda sexual de Marie Stopes – a controlar a sua própria vida sexual. Ela é emancipada – crescida.

Cosmopolita, transatlântico, suave, irónico e um pouco metrosssexual, Elyot é o *playboy* consumado, que rejeita os antigos valores vitorianos do trabalho duro. O que faz ele, realmente? Nunca sabemos. Mas ele é o marido perfeito para a sofisticada, moderada, independente e teimosa Amanda. Este casal está a anos-luz do pobre Victor e da chata Sibyl. Eles sabem reconhecer o iate de luxo do duque de Westminster no cais. Bebem os *cocktails* da moda.

Tudo sobre Amanda e Elyot revela mudanças aceleradas. Eles são modelos, assim como o dramaturgo e a sua mulher. Na década de 1920, “todos os homens queriam parecer-se com Noël Coward”, escreveu o seu pretenso rival, Cecil Beaton – “elegante e acetinado, bem arranjado, com um cigarro, um telefone ou um *cocktail* na mão”. Como Oscar Wilde, Coward mercantilizou a decadência das massas. Nas palavras de Beaton, “tornou-se moda falar com igual autoridade sobre assuntos especializados ou sobre coisas frívolas”. A influência de Coward espalhou-se até

aos postos avançados de Rickmansworth e Poona. Comandantes navais entusiastas ou coronéis bem-dispostos diziam “muito divertido”, quer falassem de Joana d’Arc ou de Merlin, e o adjetivo “terrivelmente” salpicava todas as frases.

Todas as mulheres queriam uma figura esbelta, um vestido de seda como o de Gertie e sapatos sensacionais. O teatro refletia cada vez mais o cinema e *Vidas Íntimas* era um estilo de vida em si, uma série de *close-ups* íntimos num cenário imaculado com roupas impressionantes. Como nos filmes, Coward deu às pessoas a oportunidade de sonhar, para escapar, como ele escapou, aos limites do subúrbio, procurando um mundo mais brilhante.

Mas será que tudo isto os fez felizes? Coward faz a pergunta, mas recusa-se a responder. As suas personagens parecem ser definidas pelo seu estilo, mas são fatalmente prejudicadas pelo mais quixotesco e perigoso de todos os fracassos humanos: o amor, apaixonado e dependente. Os amantes de Coward nunca são felizes juntos, nunca são felizes separados. Eles mudam com a fluidez dos tempos. Vivem entre as duas terríveis guerras, acompanhadas pelo colapso económico, desastres, políticas totalitárias e ameaças globais. Não é de admirar que vivam o dia a dia. Mas essa vida de luxo tem um lado mais obscuro; o que é que acontece quando o champanhe acaba?

Há uma escassez, um pessimismo na sua situação. Seria fácil escrever o enredo da peça para Hollywood ou para uma boa série de televisão britânica. Olhando para eles com o olhar do século XXI, reconhecemos o seu destino. São retratados como criaturas sociais de uma era cínica, com paixões intensas, sinceras e desmesuradas. Mas quando as portas do quarto se fecham, eles sofrem, como todos nós.

Ou melhor, eles sofrem mais às mãos do seu autor. Apesar de todo o brilhantismo cômico, Coward pode ter sido um dos maiores trágicos da sua época – *Vidas Íntimas* é um divertimento sombrio, que ainda hoje é claro como um Martini gelado. Essa é a maior conquista do dramaturgo – faz-nos rir tanto que nos esquecemos de chorar.

* In Noël Coward: *Uma Biografia*, University of Chicago Press, 1995.

Não se pode parar o luar

Chris O'Rourke*



Passada na era clássica de Hollywood, *Vidas Íntimas*, escrita em 1930, remonta a um tempo em que um soco ou uma chapada na cara, de qualquer um dos géneros contra o outro, era perfeitamente aceitável.

Tal como os anos 30, as caricaturas em *Vidas Íntimas* escondem uma profundidade negra, mesmo que, à superfície, queiram aparecer como charmosas e leves. Ainda assim, apesar de questionar classe, género e sociedade, bem como os altos e baixos de uma vida conjugal, *Vidas Íntimas* é, antes de mais, uma comédia. Uma comédia que sobreviveu a maior parte do século, atraindo alguns dos maiores atores e encenadores das últimas décadas, revisitada ainda hoje. Não há descanso para os “terrivelmente” divertidos, que inundam a sala com um riso contagiante e um charme irresistível, do princípio ao fim da peça.

Passada em França por volta de 1930, *Vidas Íntimas* segue o recém-divorciado casal Amanda e Elyot, que

involuntariamente ocupam quartos adjacentes no hotel em que celebram a lua de mel com os seus novos companheiros. Tendo sofrido da primeira vez, os passionais Amanda e Elyot optam por jogar pelo seguro na segunda tentativa ao amor. Preferindo mais estabilidade, Elyot escolhe como nova esposa a mesquinha Sibyl, com o objetivo de esta lhe domar a sua veia selvagem e imprudente, mas aparentemente ela revela-se um paradigma do aborrecimento.

Victor, o marido de Amanda, é como uma rocha sólida e fiável à qual ela pode prender a sua exuberância espiritual e selvagem. Quando chamas antigas se encontram, velhas faíscas acendem, e, condenados pela música e pelo luar, Elyot e Amanda fogem para Paris a fim de começarem uma nova, velha vida juntos, uma vez mais. Mas quando os seus novos parceiros os encontrarem, quem sairá vencedor? A solidez e a confiança ou quem tão depressa dá uma estalada como um beijo?

Se a aparentemente não questionada violência de género de *Vidas Íntimas* parece datada, ou mesmo perigosa, é preciso lembrar que faz parte de uma tradição em que homens e mulheres fortes eram vistos a embarcar numa luta pela igualdade dos sexos. Tal como Cary Grant e Rosalind Russell em *His Girl Friday* (*O Grande Escândalo*, 1940), ou Clark Gable e Claudette Colbert em *It Happened One Night* (*Uma Noite Aconteceu*, 1934), há uma luta pelo poder, que sublinha as dinâmicas de género com um riso implacável e alguma energia sexual crepitante. É tudo “terrivelmente” divertido.

Vidas Íntimas é uma daquelas peças que nunca passam de moda. Nem deveriam. Tal como *It's a Wonderful Life* (*Do Céu Caiu uma Estrela*, 1946), é perene e remonta a um tempo mais inocente. Mas ser leve não significa não ter peso. Divertida, charmosa e totalmente irresistível, *Vidas Íntimas* é um prazer absoluto.

* In *The Arts Review*, 6 de abril de 2017.

Sir Noël Pierce Coward (1899-1973)

Encenador, compositor, cantor, autor de mais de cinquenta peças de teatro, quadros de revista, centenas de canções, argumentos para filmes, contos, um romance, uma autobiografia, nasceu num subúrbio de Londres e estreou-se como ator profissional aos 11 anos. A sua carreira estendeu-se por seis décadas, sendo, nos anos 20 e 30, um dos autores mais representados no mundo anglo-saxónico. Foi em 1924, com *The Vortex*, que obteve o seu primeiro grande sucesso – que começou por ser um sucesso de escândalo. A peça, estreada num pequeno teatro, passou rapidamente para os teatros do centro de Londres e foi apresentada na Broadway onde, durante décadas, se sucederam os seus trabalhos como ator ou autor. Desse mesmo ano é *Hay Fever*, a sua primeira grande peça, onde se afirma mestre de um estilo sofisticado, aparentemente superficial, cheio de malícia. Em 1925, quatro peças suas estavam em cena em simultâneo no West End de Londres. Em 1931, escreve e dirige no Drury Lane a epopeia *Cavalcade*, com um elenco gigantesco, enormes meios técnicos e cenários faustosos. A versão cinematográfica (1933), dirigida por Frank Lloyd, recebeu o Óscar de Melhor Filme.

Imediatamente a seguir, estreia duas peças de pequeno elenco, por muitos consideradas as suas obras maiores, *Private Lives* (1930) e *Design for Living* (1932), triunfais em Londres e Nova Iorque, imediatamente adaptadas ao cinema (por Sydney Franklyn e por Ernst Lubitsch, respetivamente), apesar dos problemas de censura que enfrentou esta última na Grã-Bretanha. Continuou a escrever comédias sofisticadas (*Conversation Piece*, para Yvonne Printemps, em 1933), um ambicioso ciclo de dez peças em um ato, *Tonight at 8:30* (1936), para a sua grande parceira, Gertrude Lawrence. Uma destas peças, *Still Life*, foi adaptada ao cinema por David Lean, em 1945, naquele que, durante décadas, foi considerado o melhor filme britânico, *Brief Encounter*. Com o deflagrar da Segunda Guerra Mundial, Coward foi dirigir, em Paris, a propaganda britânica. E escreveu canções memoráveis de exortação patriótica, como *London Pride* e *Don't Let's Be Beastly to the Germans*. Mas o mais célebre dos seus projetos durante o conflito mundial foi a parceria com David Lean no drama sobre a Marinha (inspirado no seu amigo Lord Mountbatten), *In Which We Serve* (onde foi argumentista, ator, compositor e corealizador). A associação

com Lean irá prosseguir com o filme que este realizou em 1945 a partir da peça *Blithe Spirit* (de 1941). A seguir à Segunda Guerra, Coward já não volta a encontrar o mesmo brilho, apesar do prestígio de produções como *Nude With Violin* (1956, com John Gielgud), *Look After Lulu!* (com Vivien Leigh, a partir de Feydeau, 1959), ou das suas aclamadas atuações no Café de Paris e em Las Vegas. O seu derradeiro êxito teatral foi *Suite in Three Keys* (1966), um canto do cisne cheio de amargura. Nesses anos, aumentaram as suas participações em filmes como *A Volta ao Mundo em 80 Dias* (1956), *O Nosso Agente em Havana*, de Carol Reed (1959), *Desapareceu Bunny Lake!* (1965), de Otto Preminger, ou *Boom!* (1968), de Joseph Losey. Morreu na sua casa na Jamaica (para onde fora residir por motivos fiscais) em 1973. A partir de finais dos anos 60, assistiu-se a um renascimento de Coward, a que ele, mordaz, chamou “a ressurreição do papá”. Célebre ficou a produção de *Blithe Spirit* dirigida por Harold Pinter no National Theatre de Londres (1976), que marcou a definitiva entrada de Coward no panteão dos grandes do teatro britânico, ao lado de Wilde, Congreve, Wycherley, Sheridan, Rattigan.



Rúben Gomes

É uma presença regular em televisão. No teatro, trabalhou com João Mota, Philippe Leroux e Pedro Marques. Trabalha com os Artistas Unidos desde 2007, tendo ultimamente interpretado *O Rio*, de Jez Butterworth (2016), e *O Grande Dia da Batalha*, de Máximo Gorki e Jorge Silva Melo (2018).

Rita Durão

Tem construído um percurso de grande visibilidade na televisão e no cinema, área em que foi premiada pelos filmes *Vingança de uma Mulher*, de Rita Azevedo Gomes, e *Em Segunda Mão*, de Catarina Ruivo. Trabalhou com João Perry em *A Disputa*, de Marivaux, e *Sonho de Uma Noite de Verão*, de Shakespeare, e em vários espetáculos do Teatro da Cornucópia. No cinema, trabalhou com João César Monteiro, Rita Azevedo Gomes, Fonseca e Costa, Maria de Medeiros, José Álvaro de Morais, Raúl Ruiz e Jeanne Waltz. Trabalhou anteriormente com os Artistas Unidos em *Baal*, de Brecht.

Tiago Matias

Estreia-se profissionalmente na Companhia de Teatro de Sintra, onde trabalhou com os encenadores João de Mello Alvim, Nuno Correia Pinto, Antonino Solmer, Jorge Listopad, Carlos Pimenta e Pedro Penim. No Teatro da Cornucópia, trabalhou com os encenadores Luis Miguel Cintra e Christine Laurent, em textos de Brecht, Pirandello, Sófocles, Shakespeare e Tchekhov. Tem participado em diversas séries de televisão, faz dobragens de desenhos animados e locução de documentários. Tem tido uma colaboração regular com os Artistas Unidos, tendo participado recentemente em *Nada de Mim*, de Arne Lygre (2018), e *Do Alto da Ponte*, de Arthur Miller (2018).

Vânia Rodrigues

Trabalhou com André Uerba, Miguel Moreira, Mónica Calle, João Mota, João Abel, Há Que Dizê-lo, Latoaria, Tiago Vieira, Pedro Palma, Raúl Ruiz. Nos Artistas Unidos, com quem trabalha desde 2006, participou recentemente em *A Vertigem dos Animais Antes do Abate*, de Dimitris Dimitriadis (2017), *O Grande Dia da Batalha*, de Máximo Gorki e Jorge Silva Melo (2018), e *Do Alto da Ponte*, de Arthur Miller (2018).

Isabel Muñoz Cardoso

Trabalhou com Luís Varela, José Peixoto, José Carlos Faria, José Mora Ramos, Diogo Dória, Jean Jourdeuil, Solveig Nordlund. Nos Artistas Unidos, participou em inúmeros espetáculos desde *António, Um Rapaz de Lisboa*, de Jorge Silva Melo (1995), tendo participado recentemente em *O Teatro da Amante Inglesa*, de Marguerite Duras (2018), *O Vento Num Violino* (2018) e *Emília* (2019), ambos de Claudio Tolcachir.

André Pires

É membro fundador da Locomotivo, do grupo de teatro-circo Plot e do Pé Antemão. Foi baterista dos R.E.F., fez os arranjos e a direção musical de *Parece que o Tempo Voa* e a música de *Sons de Fogo* do grupo Tratamento Completo, de que foi percussionista. Trabalhou com Manuel Wiborg, Miguel Hurst, Rissério Salgado, Solveig Nordlund, João Meireles, João Fiadeiro. Trabalha frequentemente com os Artistas Unidos desde 2001.

Rita Lopes Alves

Trabalha com Jorge Silva Melo desde 1987. Assinou o guarda-roupa de vários filmes de Pedro Costa, Joaquim Sapinho, João Botelho, Margarida Gil, Luís Filipe Costa, Cunha Telles, Alberto Seixas Santos, Pedro Caldas, Teresa Villaverde, Carmen Castello-Branco, José Farinha, Teresa Garcia, Fernando Matos Silva e António Escudeiro. É, desde 1995, a responsável, nos Artistas Unidos, pela cenografia e figurinos.

José Manuel Reis

Frequentou a escola A.R.C.O. Trabalhou no Teatro do Tejo com Carlos Fogaça. Trabalhou em exposições de arquitetura e no projeto *Pharos* do grupo Azimute. Colabora na cenografia dos Artistas Unidos desde 1998.

Pedro Domingos

Trabalha com Jorge Silva Melo desde 1994, tendo assinado a luz de quase todos os espetáculos dos Artistas Unidos. Trabalha regularmente com o Teatro dos Aloés. É membro fundador da Ilusom e do Teatro da Terra, sedeados em Ponte de Sor, que dirige com a atriz Maria João Luís.

Nuno Gonçalo Rodrigues

É diplomado pela ESTC. Em 2013, em conjunto com João Pedro Mamede e Catarina Rôlo Salgueiro, funda OS POSSESSOS. É atualmente assessor de imprensa nos Artistas Unidos. Recentemente participou em *O Grande Dia da Batalha*, de Máximo Gorki e Jorge Silva Melo, *Do Alto da Ponte*, de Arthur Miller (2018) e *Retrato de Mulher Árabe Que Olha o Mar*, de Davide Carnevali (2018).

Jorge Silva Melo

Fundou, em 1995, os Artistas Unidos, de que é diretor artístico.

ficha técnica TNSJ

produção executiva Mónica Rocha
direção de palco Emanuel Pina
adjunto do diretor de palco Filipe Silva
direção de cena Ana Fernandes
luz Filipe Pinheiro (coordenação),
Adão Gonçalves, Alexandre Vieira,
José Rodrigues, Nuno Gonçalves,
Rui M. Simão
maquinária Filipe Silva (coordenação),
Adélio Pêra, António Quaresma,
Carlos Barbosa, Joaquim Marques,
Joel Santos, Jorge Silva,
Lídio Pontes, Paulo Ferreira
som Francisco Leal (coordenação),
António Bica, Joel Azevedo, João Oliveira
língua gestual portuguesa CTILG – Serviços
de Tradução e Interpretação de Língua
Gestual, Lda.

apoios TNSJ



apoios à divulgação



agradecimentos TNSJ

Câmara Municipal do Porto
Polícia de Segurança Pública
Mr. Piano/Pianos Rui Macedo
Hotel Quality Inn

agradecimentos Artistas Unidos

Mariana Maurício
Rui Rebelo
EGEAC

Artistas Unidos é uma estrutura
financiada por



Artistas Unidos

Escritório
Rua Campo de Ourique, 120
1250-062 Lisboa
T 21 247 39 72
artistasunidos@artistasunidos.pt
www.artistasunidos.pt

edição

Departamento de Edições do TNSJ
coordenação Fátima Castro Silva
design gráfico Dobra
fotografia Jorge Gonçalves
impressão Greca – Artes Gráficas, Lda.

Não é permitido filmar, gravar ou fotografar durante o espetáculo. O uso de telemóveis ou relógios com sinal sonoro é incómodo, tanto para os intérpretes como para os espectadores.

Vidas Íntimas

de Noël Coward
tradução
Miguel Esteves Cardoso

encenação
Jorge Silva Melo
cenografia
Rita Lopes Alves
José Manuel Reis
figurinos
Rita Lopes Alves
desenho de luz
Pedro Domingos
desenho de som
André Pires
assistência de encenação
Nuno Gonçalo Rodrigues

com
Isabel Muñoz Cardoso *Louise*
Rita Durão *Amanda*
Rúben Gomes *Elyot*
Tiago Matias *Victor*
Vânia Rodrigues *Sibyl*

coprodução
Artistas Unidos
Centro Cultural de Belém
TNSJ

estreia 31Out2019
Teatro Municipal de Vila Real
dur. aprox. 1:30 com intervalo
M/12 anos

Conversa pós-espetáculo
15 nov
Língua Gestual Portuguesa
17 nov dom 16:00

VIDAS ÍNTIMAS ©
NC Aventales AG 1930
Estreia no King's Theatre,
Edimburgo, a 18 de Agosto
de 1930

Agente de copyright:
Alan Brodie Representation Ltd
www.alanbrodie.com

Teatro Nacional São João
14 nov – 1 dez 2019
qua+sáb 19:00 qui+sex 21:00 dom 16:00

Teatro Municipal de Vila Real
31 outubro 2019

Teatro Municipal da Guarda
9 novembro 2019

Teatro Aveirense
6 dezembro 2019

Teatro Diogo Bernardes (Ponte de Lima)
14 dezembro 2019

Cine-Teatro Garrett (Póvoa de Varzim)
4 janeiro 2020

Fórum Municipal Luísa Todi (Setúbal)
11 janeiro 2020

Teatro Municipal Sá da Bandeira (Santarém)
18 janeiro 2020

Theatro Circo (Braga)
24 janeiro 2020

Teatro José Lúcio da Silva (Leiria)
6 fevereiro 2020

Convento São Francisco (Coimbra)
8 fevereiro 2020

Teatro Sá de Miranda (Viana do Castelo)
15 fevereiro 2020

Teatro Viriato (Viseu)
21+22 fevereiro 2020

Teatro-Cine de Torres Vedras
28 fevereiro 2020

Teatro Virgínia (Torres Novas)
29 fevereiro 2020

Centro Cultural de Belém (Lisboa)
4-9 março 2020